



A CULTURA DO FEIJÃO-CAUPI NO BRASIL

TERESINA – PI

2016



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Defesa Agropecuária - SDA
Departamento de Sanidade Vegetal - DSV
Coordenação Geral de Proteção de Plantas - CGPP
Divisão de Análise de Risco de Pragas - DARP
&
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa
Embrapa Meio-Norte

A CULTURA DO FEIJÃO-CAUPI NO BRASIL

Informações elaboradas pela Embrapa Meio-Norte a pedido da Divisão de Análise de Risco de Pragas - DARP/CGPP/DSV, sobre a cultura do feijão-caupi (*Vigna unguiculata (L.) Walp.*) no Brasil para subsidiar a elaboração de Análise de Risco de Pragas - ARP pelos países importadores de feijão-caupi do Brasil.



TERESINA – PI

2016

COORDENAÇÃO GERAL DO DOCUMENTO

Edson Alves Bastos

Engenheiro-agrônomo, pesquisador da Embrapa Meio-Norte

E-mail: edson.bastos@embrapa.br

AUTORES DOS CAPÍTULOS

Capítulo 1. Socioeconomia

Kaesel Jackson Damasceno e Silva

Maurisrael de Moura Rocha

José Ângelo Nogueira de Menezes Júnior

Engenheiro-agrônomo, pesquisador da Embrapa Meio-Norte

E-mail: kaesel.damasceno@embrapa.br, maurisrael.rocha@embrapa.br,
jose-angelo.junior@embrapa.br

Capítulo 2. Pragas da Cultura do Feijão-caupi

Paulo Henrique Soares da Silva

Engenheiro-agrônomo, pesquisador da Embrapa Meio-Norte

E-mail: paulo.soares-silva@embrapa.br

Capítulo 3. Principais Doenças do Feijão-Caupi no Brasil

Candido Athayde Sobrinho

Engenheiro-agrônomo, pesquisador da Embrapa Meio-Norte

E-mail: candido.athayde@embrapa.br

Capítulo 4. Plantas Daninhas

José Roberto Antoniol Fontes

Engenheiro-agrônomo, pesquisador Embrapa Amazônia Ocidental

E-mail: jose.roberto@embrapa.br

CAPA

Luciana Fernandes

luciana.fernandes@embrapa.br

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Jorimá Marques Ferreira

jorima.ferreira@embrapa.br

SOCIOECONOMIA

Kaesel Jackson Damasceno e Silva
Maurisrael de Moura Rocha
José Ângelo Nogueira de Menezes Júnior

A produção mundial de feijão-caupi em 2014 foi aproximadamente 5,6 milhões de toneladas, produzidas em 12,5 milhões de hectares, conforme registros da FAO (2015) (Figura 1). Provavelmente os dados estão subestimados em função de países como Brasil, Índia, entre outros não apresentarem estatísticas separadas de feijão-caupi e feijão comum, apesar de apresentarem volume expressivo de produção.

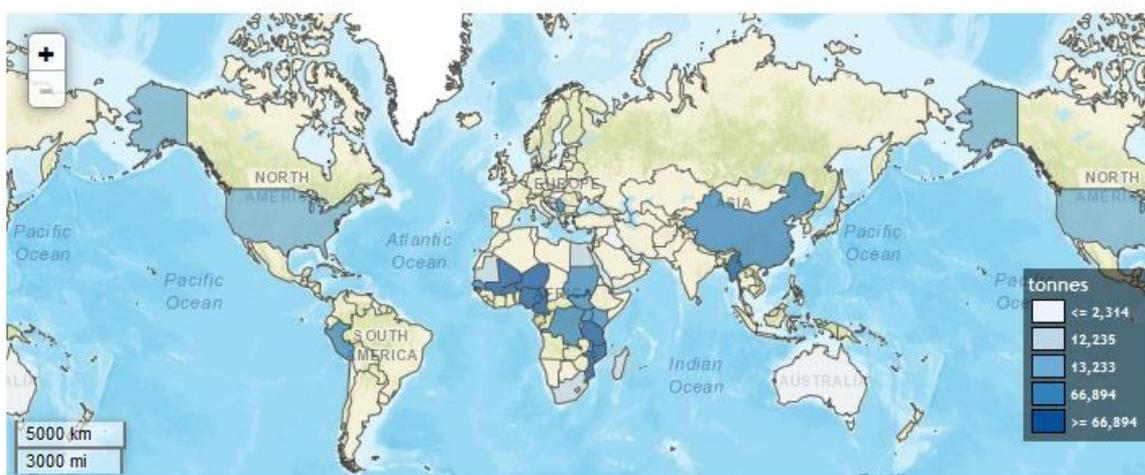


Figura 1. Produção mundial de feijão-caupi (média de 1993 a 2014)

Dados e Imagem: FAO (2015)(<http://faostat3.fao.org/browse/Q/QC/E>)

O continente africano responde por cerca de 95,3 % da produção mundial de feijão-caupi, conforme apresentado na Figura 2. Os cinco maiores produtores de feijão-caupi segundo a FAO são Nigéria (2,1 milhões de toneladas), Níger (1,6 milhões de toneladas), Burkina Faso (571 mil toneladas), Tanzânia (191 mil toneladas) e Mianmar (115 mil toneladas) (Figura 3).

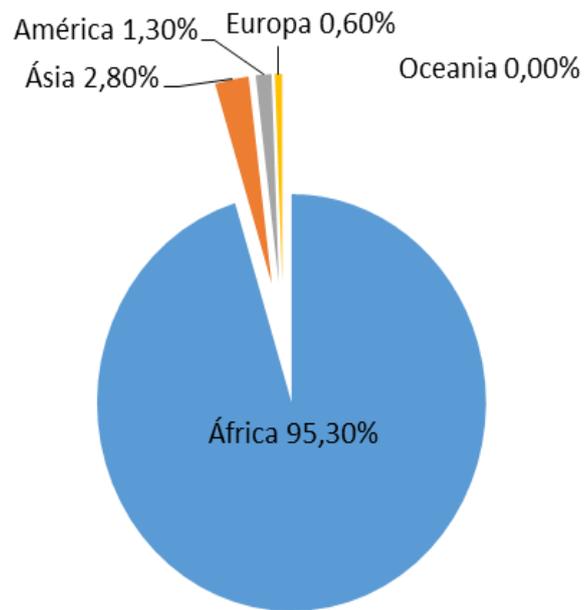


Figura 2. Distribuição da produção de feijão-caupi por continente.

Fonte de dados: FAO, 2015.

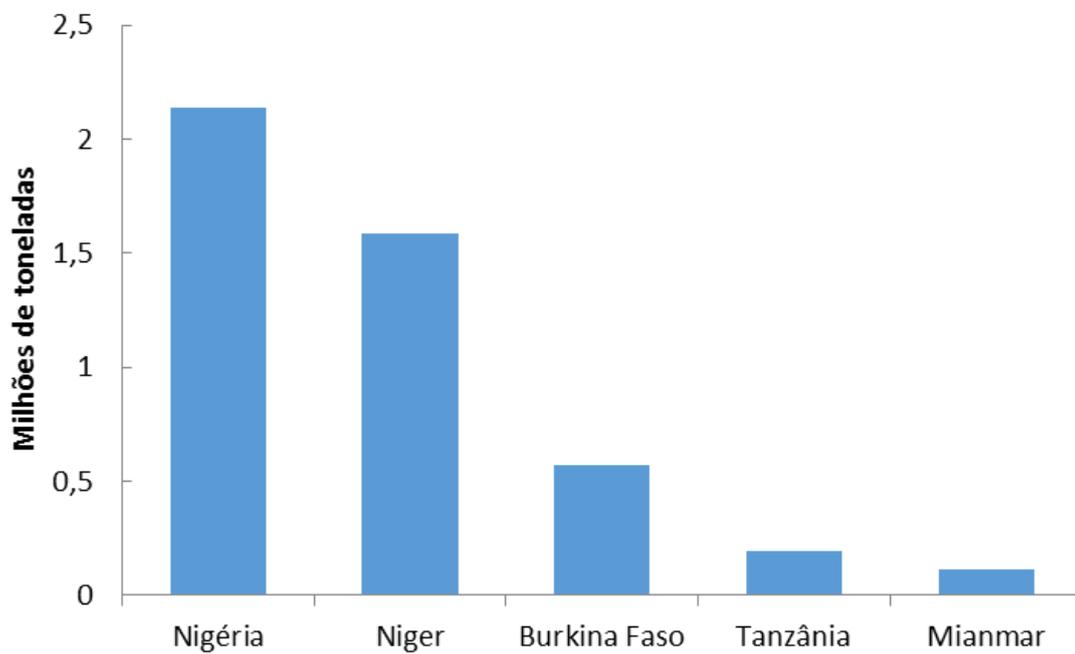


Figura 3. Os cinco maiores produtores de feijão-caupi no mundo

Fonte de dados: FAO, 2015.

O feijão-caupi tem uma grande importância, tanto como alimento quanto como gerador de emprego e renda. É rico em proteína, minerais e fibras e constitui um componente alimentar básico das populações rurais e urbanas das regiões Norte e Nordeste do Brasil. A produção de feijão-caupi no Brasil ocorre especialmente em primeira e segunda safra nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A expansão da cultura tem ocorrido principalmente para as regiões de cerrado, no período de safrinha, devido principalmente a precocidade e a tolerância ao déficit hídrico em relação a outros cultivos como milho, soja etc., além do porte ereto e adaptação ao cultivo mecanizado. Por fim, o baixo custo e a possibilidade de bons rendimentos são os principais atrativos para o cultivo desta leguminosa.

Atualmente, inexitem estatísticas oficiais sobre a produção de feijão-caupi. À exceção de alguns estados, o serviço de Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publica os dados das duas espécies de forma conjunta. Esse procedimento impossibilita que se saiba, de forma direta, qual a participação de cada espécie na produção total de feijão do País.

No entanto, a Embrapa Arroz e Feijão tem obtido estimativas, não oficiais, sobre a produção anual de feijão-caupi no Brasil e nos estados produtores. De acordo com estas estimativas, a produção em 2014 foi de 482.665 toneladas colhidas em 1.202.491 hectares (Tabela 1) (EMBRAPA ARROZ E FEIJÃO, 2014). Importante ressaltar que em 2011 o Brasil produziu cerca de 800 mil toneladas colhidas em 1,7 milhões de hectares, esse recorde ocorreu devido às boas condições pluviométricas, especialmente no Nordeste do Brasil.

Deve-se destacar, portanto, a existência de um viés nessas estimativas. Por exemplo, as estimativas indicam a inexistência de produção de feijão-caupi nos estados do Acre, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Tocantins, ou seja, a produção de sete estados não está sendo capitalizada a favor da cultura. Quando, de fato, sabe-se da existência de produção de feijão-caupi nestes estados.

A região Nordeste destaca-se como a maior produtora e consumidora de feijão-caupi no Brasil. O estado de Mato Grosso, embora não apresente a maior área colhida atinge a maior produção, devido a maior produtividade, resultado direto do emprego de tecnologias adequadas no sistema de produção da cultura. Em contraste, estados como Ceará e Piauí, maiores consumidores desta leguminosa no Brasil, alcançam baixíssimos

níveis de produtividade, em função do baixo emprego de tecnologia, irregularidades pluviométricas, etc.

Tabela 1. Área, produção e produtividade de feijão-caupi por estado brasileiro.

Fonte de dados: Embrapa Arroz e Feijão, 2015.

Estados	Área (ha)	Produção (ton)	Produtividade (kg/ha)
MT	116.000	127.000	1.095
CE	398.002	107.291	270
PI	214.224	55.278	258
PE	180.338	52.406	291
MA	98.152	50.314	513
PA	39.169	26.442	675
BA	46.200	20.890	452
PB	64.551	17.604	273
RN	25.420	10.407	409
AM	5.295	5.560	1050
AL	8.960	5.364	599
RR	3.000	2.001	667
AP	1.180	1.108	939
SE	2.000	1.000	500
Total	1.202.491	482.665	401

A maior parte da produção de feijão-caupi tem sido comercializada no mercado interno brasileiro, especialmente na região Nordeste, responsável pelo consumo dessa leguminosa. No entanto, nos últimos anos, tem-se verificado a ocorrência de exportações, resultado da maior oferta do produto pelo Brasil e da alta no mercado de proteína a baixo custo, destacando-se as pulses: ervilha, grão de bico, lentilha e feijão. A evolução das exportações de feijão-caupi pode ser visualizada na Figura 4.

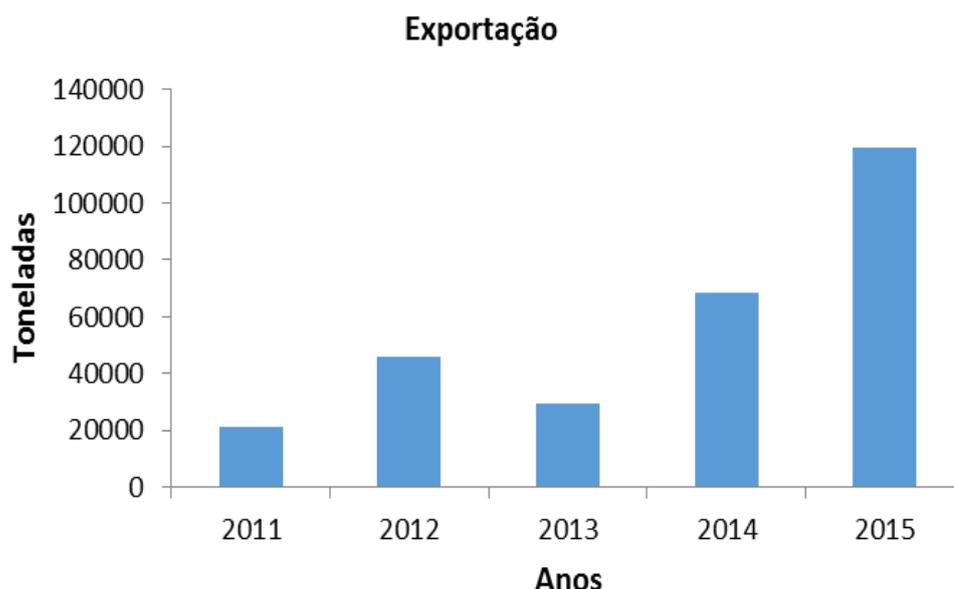


Figura 4. Evolução das exportações de feijão-caupi nos últimos cinco anos.

Fonte de dados: MDIC / Alice Web (2016)

Entre os países que importaram feijão-caupi do Brasil, os maiores compradores são: Índia, Egito, Paquistão, Vietnã e Indonésia. Em 2015 foram exportadas 119.370 toneladas, destas, 67.634 (56,66%) toneladas foram exportadas apenas para a Índia. O preço médio do feijão-caupi exportado está entre 650 e 700 dólares por tonelada de grãos, gerando uma receita superior a 77,5 milhões de dólares ao Brasil.

Existem vários tipos de feijão-caupi, sendo encontrados grãos das mais variadas cores, tamanhos e formatos. No Brasil, para efeito de regulamento técnico, definido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, por meio da Instrução Normativa nº 12, de 28 de março de 2008: considera-se feijão apenas os grãos provenientes das espécies *Phaseolus vulgaris* (L.) e *Vigna unguiculata* (L.) Walp., denominadas feijão comum e feijão-caupi, respectivamente (BRASIL, 2008). De acordo com a espécie a que pertence, o feijão é classificado em dois grupos, conforme a seguir:

Grupo I: Feijão comum, quando proveniente da espécie *Phaseolus vulgaris* L.

Grupo II: Feijão-caupi (feijão-de-corda ou feijão-macassar), quando proveniente da espécie *Vigna unguiculata* (L.) Walp.

De acordo com a coloração do tegumento do grão, o feijão-caupi (Grupo II) é classificado em quatro classes definidas a seguir:

a) branco: produto que contém, no mínimo, 90% (noventa por cento) de grãos de coloração branca;

b) preto: produto que contém, no mínimo, 90% (noventa por cento) de grãos de coloração preta;

c) cores: produto que contém no mínimo, 90% (noventa por cento) de grãos da classe cores, admitindo-se até 10% (dez por cento) de outras cultivares da classe cores, que apresentem contraste na cor ou no tamanho;

d) misturado: produto que não atende às especificações de nenhuma das classes anteriores.

No Brasil, três segmentos de mercados merecem destaque: grãos secos, feijão-verde (vagem ou grão imaturo) e sementes. Em fase inicial, encontra-se em desenvolvimento o segmento de feijão processado industrialmente. No mercado de grãos secos, o tamanho do grão é muito importante, tanto para o mercado interno quanto para o mercado externo. Constata-se, contudo, que tanto produtores, compradores e empacotadores preferem grãos com peso superior a 20 g por 100 grãos. Isso, evidentemente, reflete a preferência dos consumidores.

No que se refere às classes comerciais, considerando-se que há preferências regionais e até mesmo locais, no comércio a granel podem ser encontrados diversos tipos de grãos, representando todas as classes e subclasses de grãos. Entretanto predominam as subclasses: Mulato liso, Branco liso, Branco rugoso, Canapu e Sempre-verde. Já no comércio de grãos empacotados, predominam as subclasses Mulato liso, Sempre-verde, Branco liso, Branco rugoso e Fradinho.

O feijão-verde é um segmento de mercado atrativo, de grande volume, sobre o qual há poucas informações. Tanto a produção quanto a comercialização ocorrem em torno dos centros urbanos. O sistema de produção deste segmento, normalmente exige muito trabalho manual, principalmente na colheita e debulha dos grãos, para comercialização a granel. Este mercado é atendido especialmente por agricultores familiares. O feijão-verde apresenta preços atrativos para o produtor e constitui uma importante opção de negócio, inclusive com possibilidade de avanços no processamento industrial do produto, como enlatamento, resfriamento e congelamento.

O segmento de mercado referente a sementes é também muito promissor. Contudo, o uso de semente certificada ainda é muito baixo. É importante mencionar que esse mercado está crescendo e também avançando em termos de organização, já

havendo produtores de sementes de feijão-caupi nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste e associações de produtores de sementes em vários estados.

Enfim, a cultura do feijão-caupi é socioeconomicamente importante e apresenta inúmeras potencialidades a serem desenvolvidas no âmbito da produção, do consumo e dos mercados nacional e internacional. Para tanto, exige organização da sua cadeia produtiva para que haja benefício mútuo entre os seus diferentes segmentos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa nº 12 de 28 mar. 2008**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 mar. 2008. Seção 1, p. 11-14.

EMBRAPA ARROZ E FEIJÃO. **Dados conjunturais da produção de feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) e caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp) no Brasil (1985 a 2014): área, produção e rendimento**. Santo Antônio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2015. Disponível em: <<http://www.cnpaf.embrapa.br/socioeconomia/index.htm>>. Acesso em: 30/08/2016.

FAO (2015). FAOSTAT. **Crops. Cow peas, dry**. Disponível em: <http://faostat3.fao.org/browse/Q/QC/E>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC). Alice Web 2. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.